



GIL VICENTE

*Par diez siete arpepones
Al pepon a la entrada
A uno de los rascones
VAQUEIRO*

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36 - GUIMARÃES

Semanário monarchico integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão de propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO C. MERCIO

PELA NAÇÃO

A onda cresce!

Do Norte a Sul de Portugal, testa boa terra portuguesa, lavra um trémito de entusiasmo pela próxima vinda do Rei. E' o espirito nacionalista que desperta, forte, vigoroso e ousado!

Da toda a parte, dos grandes centros como das sertanejas aldeias, chegam até nós as noticias mais consoladoras.

E' a ideia em marcha!

E como ela marcha, santo Deus, como esse bom povo sabe compreender o nosso sentido, a nossa vontade, e como sabe secundar o nosso esforço!

Por toda a parte se criam novos organismos — juntas, núcleos e sindicatos — e se fundam novos órgãos de propaganda — a nossa imprensa.

O povo compreende-nos!

E como não devia ele compreender-nos, se somos nós que lhe falamos a linguagem intuitiva da verdade, se somos nós que lhe sabemos falar da origem do mal que ha um século o vem saturando, e se somos nós, ainda, que lhe sabemos indicar claramente e com desassombro o caminho a seguir para evitar a queda no grande abismo que ele, apavorado, já vê deante dos seus olhos?

Somos nós que, confessando-nos reacionarios, lhe dizemos que é mentira o governo do povo e para o povo; somos nós que lhe dizemos que peor do que essa mentira seria o bolchevismo se fosse viavel o seu estabelecimento, entre nós, o governo dos *meneurs* que se arvoram em seus defensores, agora que necessitam do seu concurso para subirem, mas que amanhã, se o acaso da fortuna os guindasse á chefia dos negocios publicos, se tornariam em seus carrascos: — *vide* o exemplo da Russia martyr.

Nós não o ludibriamos. Não lhe prometemos nada de nós: tudo que venha a alcançar será fruto do seu trabalho. Não lhe prometemos o bacalhau mais barato para quando, amanhã, se fizer a Monarquia, nem que depois terá a liberdade de fazer o que os seus instintos, bons ou maus, lhes pedirem. Não!

Terá direitos, é evidente, nem poderia deixar de ser, porque a Monarquia que nós

defendemos é humana, mas terá também deveres a cumprir conforme as necessidades da Grei.

Não lhe vimos dizer que seremos todos iguais, com as mesmas necessidades a suprir, com a mesma competencia para tudo resolver. Não!

Mas dizemos-lhe que nessa Monarquia, que o nosso esforço comum ha de restaurar, a sua voz será escutada pelo então chefe supremo da Nação — o Rei — não como agora ou como naquela outra monarchia que ele viu morrer atascada em lama numa fria manhã de Outubro, vai para catorze anos, mas por intermedio dos seus verdadeiros delegados que as Corporações, Provincias e Municipios hão de mandar á Assembleia Nacional, onde cuidarão sómente dos seus interesses que, no conjunto, serão os interesses da Nação.

E' por isso que ele nos compreende, porque sabe pelo conhecimento que tem da nossa historia, que foi quando os nossos antepassados se governaram por esse sistema, que Portugal atingiu o apogeu da gloria de que ainda hoje vive, e porque é esse o sistema de governar que mais se coaduna com as nossas tendencias, que são hoje, como foram sempre, cooperativistas.

Não admira pois que o nosso movimento alastre, que tome incremento, que a onda do sentimento nacionalista cresça, que as energias da Raça despertem para um porvir que será a salvação da Patria pela salvação da Grei!

Quem o não antevê já nessas organizações que atraz enumeramos, se elas são, por assim dizer, as células do grande corpo — Nação — as suas veias, o seu sangue, a sua carne, a sua vida?!

S. L.

Poetas & Prosadores

Na corte da Saudade—
Sonetos de Toledo por
: Antonio Sardinha :
—Edição da «Lumen»—

Tambem tu me visitas?... Foi esta a pergunta que mentalmente a mim mesmo dirigi ao deparar com o livro de Antonio

Sardinha, autor de varias obras de portuguesissima literatura.

Antonio Sardinha pertence ao restrito numero dos novos escritores que sabem exercitar nobremente as suas faculdades de talento, colocando-as ao serviço de uma sã leitura instructiva e agradável, quer pelo seu encantamento, quer pelo brilho das suas orações.

Na corte da saudade escrito em Toledo, durante o tempo de exilio que Antonio Sardinha passou em Espanha, depois do desastre de Monsanto, tem o condão de nos prender e de nos levar num bem sentido encantamento a essa terra da lenda onde D. Sancho II curtiu também as suas maguas de exilado e onde dorme o sono eterno dos seculos.

Foi em Toledo que Antonio Sardinha inspirou a sua corte da saudade. A sua alma amargurada pela cruesa do destino, longe da Patria e dos seus, desfaz-se em quadras setesilabicas, verdadeiramente primorosas, numa serie de sonetos trabalhados consoante as mais perfectas regras poeticas, possuidos, igualmente, de esplendor de imagens, originalidade e beleza de conceitos.

«E assim, em Toledo, que recorda um espelho antigo, gasto por tanta imagem reflectida, á beira do Tejo cujas aguas iriam dentro em pouco rolar em terra portuguesa, ele vai evocar, como um simbolo, essa figura de Sancho II, (atraçoado pela mulher, comovedor na sua desgraça) um rei que quiz reinar e que a desgraça perseguiu.»

Antonio Sardinha é um poeta de valor, um poeta que cantando as belezas da saudade, vai preparando um futuro mais belo para o seu País.

E na cidade do Greco, das lendas e das bruxarias, foi colher mais um triunfo para a sua gloriosa carreira de escritor consagrado.

Abre este primoroso livro com uma poesia do distinto escritor espanhol sr. Conde de Santibañez del Rio, fechando com uma outra do distinto Poeta portuguez sr. Egenio de Castro, sob a epigrafe — *Lendo estes versos*.

A beleza de *Na corte da saudade*, é tão intencionalmente sentida, tão bem palpavel que facilmente se sente no seu autor um bem puro coração de português.

E os seus sonetos — *Moura Encantada*, *Egas Moniz*, *Voz da Raça*, *Noite Toledana*, etc. vêm confirmar tudo quanto temos dito acerca do livro do dr. Antonio Sardinha, que vimos de analisar, livro de encantamento, livro de beleza, quer pela coerenza que revela, quer pela sua arte e sua linha de vida mental, quer, enfim, sob todos os pontos de vista porque o encarmos.

E' um livro para ser lido, meditado e sentido por todos os portugueses de boa fé que o leiam.

A. O.

Sai com um dia de atraso o numero de hoje do que pedimos desculpa aos nossos prezados assinantes e leitores.

**Oração e Espada**

*Lá corre a Nau das Indias, á porfia,
Entre as demais, em epica arrancada...
(Punge, no ceu, a roxa madrugada,
E o mar como que em sangue se tingia!*

— Portugal! Portugal!... E principia
O fragor da peleja, Armada a Armada...
(Depois, ao poente, a vaga ensanguentada
Era quem dava a côr á luz do dia!

*Levam os homens tempestade ás ondas!
Cada Nau é um trovão de fogo, em rondas
De morte e gloria... A Patria, e Jesus Cristo!*

*Pois cada Nau, também, é um santuario
Um nicho ao fundo, a cruz, um lampadario,
Alguem resando... Portugal foi isto!*

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

S. CRISTÓVÃO

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha de ser.

II

A vida de S. Cristóvão marca na historia da Civilização Cristã um dos seus mais gloriosos ciclos de renovação social e espiritual.

As «Jacqueries» foram um incidente sangrento na espantosa evolução dos velhos tempos feudaes para o sistema que vinha implantar-se com o advento da Idade Média e a que a cooperação do santo gigante emprestou um vivificante sopro de heroicidade e um halo de ternura e de idealismo, num saudavel ambiente de Justiça. Não foi em vão que os «Jacques» regaram com o seu sangue a vasta campina onde o alto e gentil espirito do autor das Lendas de Santos os faz morrer junto a uma lagôa que espelhava, tranquila, um sol vermelho na agonia.

O Calvário do bom Santo influe assim decisivamente nos destinos ainda incertos da Cristianidade.

Então, nos povos do Norte, depressa se autonomisam as comunas, as profissões se organizam, os homens do campo se libertam da gleba e as nacionalidades se definem e se impõem. Os vastos dominios senhoriaes restringem-se em extensão e poder, e, com a nova ordem de coisas surgida lentamente do regimen feudal, a Realza claramente se afirma e domina.

Nos países do Ocidente o Municipalismo triunfa, quando já a servidão se havia esmorecido e apagado da lembrança dos homens.

Nas Artes, nas Ciências, nas Letras, o trabalho organizado na maravilhosa harmonia do Regimen Corporativo, produz o que

de mais belo e mais espiritual o génio dos homens tem concebido.

Olhando o feudalismo da Força que os «Jacques» abalaram e o feudalismo do Dinheiro que nós hoje pretendemos derrubar, um grande paralelo se estabelece entre as duas épocas arredadas de muitos séculos. Hoje, como então, os famintos formam exercitos, os homens reúnem-se nas Bolsas a sacrificar ao Bezerto de Ouro como outrora as bruxas e lobis-homens corriam por baixo e por cima de toda a folha a adorar, nas clareiras das florestas, um Senhor Diabo negro, de pés de bóde.

Então, como hoje, os homens matavam, roubavam e blasfemavam de Deus, mas a exploração dos haveres e do sangue que nesses tempos semi-barbares era feita pelo castelão, pelo Bispo ou pelos salteadores, ninguém sabe hoje ao certo por quem é feita, porque todos nos matamos, e roubamos, e somos ao balcão, na oficina ou no campo os ladrões anónimos de toda a riqueza e de toda a virtude.

Tambem como nos recuados tempos do feudalismo, os «Jacques» se levantam de novo, na sua ânsia secular de implantarem a Justiça no Mundo. Não trazem faças, nem chucos, nem recurvas foices roçadoras; as suas armas são menos nobres mas são mais poderosas e gritantes, porque a explosão de uma bomba se é um clamor covarde de revoltas infernais, é também uma lembrança de que muitas injustiças precisam urgente remedio.

Lembrando as injustiças sociais do passado e comparando-as com

O NOSSO ORFEÃO

Falar do Orfeão de Guimarães é falar de alguma coisa que se impõe ao respeito de todos os vimaranenses.

Quem, como nós, fôr orfeonista, não desconhece o grande sacrifício, contrariedades e desgostos, que só uma tenacidade como a do seu digno regente o Sr. Alfere Ribeiro Dantas, pode conseguir com que o Orfeão occupasse o lugar a que tinha direito.

O acaso — o jornalista para tudo encontra acasos — pôz-me a conversar sobre assuntos do Orfeão, com um velho amigo que faz parte da sua direcção.

A certa altura, com uma palmada na testa, exclamou: Eureka... uma entrevista para o «Gil», valeu?

—Pode valer... Mais comodamente sentados no canto mais discreto da sala, o meu entrevistado sempre alegre e presenteiro, fumava o seu inseparável cigarro de tabaco francez; eu de quartos de papel em punho ia anotando a conversa.

E sem mais tuje nem muge, principiiei desfechando:

—Com que então novo passeio?

—Novos passeios, novos passeios, diga antes.

—Segredo impenetravel... —E' como lhe digo; estão em organização trez, para os quaes se trabalha afanosamente.

—Aonde?

—O primeiro ao Porto, o segundo a Famalicão e o terceiro... o terceiro é segredo.

—E' segredo?... —Segredo impenetravel...

Na ta altura o jornalista não se contorna, porque não admite segredos; o que mais interessa o leitor são precisam n'te os segredos, a sua missão é, pois, desvendá-los. Insistiu:

—Mas é aqui na nossa linda provincia do Minho?

Uma negativa.

—A Traz-os-Montes?... Dou-

ro?... Boças?... Extremadura?... Ao Algarve?...

Negativas e mais negativas.

—Caramba! Angola?... Mo-

cambique?...

—Não insista, meu amigo... E' segredo.

—Mas então não é no paiz, pelo menos?

—Talvez... não pergunte mais.

Este talvez trouxe-me um pouco de luz e respeitando a vontade do nosso entrevistado, mudamos de assunto:

—Constou-me tambem que a direcção pensa em reanalisar a vida economica do Orfeão?

—E' verdade, meu amigo. A direcção resolveu fazer um apelo a todos os vimaranenses, pedindo-lhes para se inscreverem como socios auxiliares do Orfeão. Olhe, meu caro, você conhece a desorganização nos serviços do Orfeão, a pouca vontade com que lá estão alguns orfeonistas? Pois se o Orfeão tivesse uma sede, nenhum destes males acharia esta sociedade de trovadores, que tanta honra e gloria tem conquistado para a nossa querida terra.

Mas para isso torna-se necessario muito dinheiro, e só depois de ser conhecida a resposta do povo de Guimarães, ao convite que se vai espalhar é que poderemos dizer mais alguma coisa. Por enquanto... esperemos.

Era a hora de cantar. O lamirê do regente chama por todas as sa as os orfeonistas eutoando o H, como que a afinar-lhes o ouvido.

Vozes que grulham. E' o Paisinho, o Medium Plus, o Ralo, o Desenvolvo e o Estética... o eterno Estético!...

Silencio... ré... fá... si... ré...

Portugal, é lindo...

Sergio Vidal.

este presente tórvo e corrupto que vivemos, eu interrogo o bom Jesus nas noites luarentas deste Outono calmo e meigo e como Cristóvão clamo ac Céu Justiça na Terra para que a Paz de novo reine entre os homens.

E a luz prateada do luar, enquanto as vinhas choram a viuvez das uvas fervendo no inferno dos lagares e um grande silencio começa de envolver as várzeas e os outeiros, meu pensamento corre veloz na cauda de um comboio que se afasta para a Cidade, para o Mundo, e a lenda medieval dos «Jacques» e de S. Cristóvão se continua num longo e agitado sonho de pesadelos e de revoltas...

(Continua).

Carta de Coimbra

Junta Escolar—A sua primeira reunião—Tudo pela Patria e pelo Integralismo...

Coimbra, Ano da Graça, 5-V-923.

Com uma grande concorrência de academicos, realiso-se hoje, pelas 2 e meia da tarde, a primeira reunião da Junta Escolar Académica da mui nobre Universidade de D. Diniz.

Descrever o que foi essa reunião, em que o entusiasmo dos academicos dominou, torna-se-me verdadeiramente impossivel, porque esse entusiasmo só o pode sentir, como eu o senti ha pouco, quem tiver a felicidade de assistir a reuniões desta natureza.

A alma dos estudantes é expansiva e alegre em todas as

suas manifestações ela vibra na sua intensidade maxima.

A reunião de ha pouco teve a caracterisa toda a grande fé patriótica da geração académica. Representantes de estudantes de todas as Faculdades comungaram no mesmo anccio de dar inicio a propaganda dos principios nacionalistas que orientam o Integralismo Lusitano.

A verdade monarchica pregada pelos denodados pioneiros da Monarquia-integralista ecoou na alma nobre da geração académica.

E essa geração, conscia do seu dever, vai preparando o terreno onde ha-de ser edificada, na Aurora do Resgate, a Cidade Nova, o edificio maravilhoso do Portugal Restaurado.

Pode-se afoitamente dizer que a reunião de hoje marcou no meio académico como uma das mais belas e impressionantes reuniões de estudantes.

O illustre presidente, dedicado integralista e nosso companheiro nas lides escolares sr. Vaz Pinto, regressado ha dias de Espanha onde foi acompanhar o nosso Orfeon e Tuna, de cuja direcção é dignissimo secretario, veio encontrar todos os rapazes da nossa Universidade possuidos do mais puro amor patriótico.

A reunião hoje realizada, a que Vaz Pinto presidiu, assim o comprovou. A mocidade académica desprezando os falsos preconceitos da Democracia, lançou-se abertamente no caminho da salvação nacional, e, assim, a divulgação das sãs doutrinas do Integralismo vai ser feita com todo o ardor, com todo o entusiasmo.

Breve serão iniciadas as confe-

O PROXIMO CONGRESSO

= = EUCARISTICO E DE MUSICA SACRA = =

Promete ser imponente o proximo Congresso Eucaristico, que se realisarà nos dias 28, 29, 30 e 31 de maio, e que marcara com certeza uma época não só na Arquidiocese Bracaraense, mas em todo o paiz.

Para se avaliar do seu alto valor e significado, apresentamos aos nossos leitores o

PROGRAMA

Tem tres partes o Congresso: 1.ª Oração intensa e geral; 2.ª Estudo teórico e pratico da Santissima Eucaristia; 3.ª Manifestações exteriores em honra do Santissimo Sacramento.

1.ª Parte

Haverá nos dias 28, 29 e 30 de maio, em todas as igrejas parquiais da cidade: missa, sermão e o maior numero de comunhões

Na Sé Catedral: Missa de Pontifical ás 9 horas, durante os 3 dias, e ás 7 horas da tarde Vesperas solenes e sermão.

A musica destes actos constituirá um dos numeros practicos do Congresso de Musica Sacra.

2.ª Parte

Durante os mesmos tres dias haverá tres sessões solenes no amplo templo do antigo Seminario, onde alguns dos mais notaveis filhos da Arquidiocese versarão as seguintes teses:

«A Santissima Eucaristia — Coração da Igreja Católica, principio de vida e fecundidade de todas as obras católicas» — pelo Cônego Bernardo Augustinho Chousal.

«A Santissima Eucaristia — Centro da vida parquial» — pe o Padre Luiz Augusto de Araújo.

«Obras Eucarísticas da Arquidiocese» — pelos Padres Abilio Correia, de Braga; Gaspar da Costa Roziz, de Guimarães, e Alexandrino Leitug, de Barcelos.

«A educação liturgica, como meio de educação eucaristica do povo» — pelo rev. Dr. Carlos Dantas da Gama.

«O Apostolado da Oração e a Santis-

sima Eucaristia» — pelo rev. Cônego Luiz Antonio de Almeida.

«A Adoração noturna» — pelo Padre Domingos Gonçalves, de Guimarães.

«A Obra do Reparação Nuz ou il e a Santissima Eucaristia» — pelos Dr. Cunha Barbosa e D. Margarida Assis Teixeira, da Liga da Acção Social Cristã.

«A Santissima Eucaristia e o Rito Bracaraense» — pelo Padre Aguiar Barreiros.

«A vida da graça em nós» — pelo rev. Dr. Manuel Corejeira, Lente da Universidade de Coimbra.

«Necessidade social da Santissima Eucaristia» — pelo Senhor Bispo de Bragança.

«Primeira comunhão e comunhão frequente das crianças» — pelo Padre Antonio Alves Nogueira, pároco de Fão.

«A Santissima Eucaristia e a juventude» — pelo Dr. Francisco Veloso.

«O Apostolado dos operarios pela organização da assistencia religiosa e comunhão frequente» — pelo Dr. Alberto Pinheiro Torres.

«A realza de Jesus na Santissima Eucaristia» — pelo rev. Cônego Insueles.

«O que é o para que serve a musica sacra», explanação teorica, pelo rev. dr. Elias de Aguiar, Lente da Universidade de Coimbra.

«A musica sacra em Portugal, no passado e no presente», esboço historico por Luiz de Freitas Branco, professor da Conservatorio de Lisboa.

«Método e plano dos trabalhos concernentes á reforma da musica sacra em Portugal», parte pratica pelo Dr. Joaõ Trocado.

3.ª Parte

Às 8 horas da manhã do dia 31, haverá na Sé Catedral uma numerosissima comunhão de crianças — alguns milhares —, seguida de Pontifical e sermão pregado por um Ex.º Prelado.

Às 6 horas da tarde sahirá da mesma Sé Catedral a tradicional procissão de Corpus Christi com a maxima pompa e solenidade, e que fechará com chave d'ouro o imponente Congresso.

Damos, a seguir, a nota das Comissões nomeadas para levar a efeito este triunfo de Jesus Sacramento, e que trabalham com o maior zelo e entusiasmo:

Dr. Francisco Veloso

De visita á Juventude Católica, esteve entre nós o nosso presado amigo e distinto jornalista, nosso colaborador, sr. dr. Francisco Veloso, digno advogado em Santo Tirso.

Dr. Afonso Lucas

Sentimos a ausencia da colaboração deste nosso presado amigo, illustre membro da Junta Central do Integralismo, pelo motivo de se encontrarem doentes os seus extremos filhos. Rogamos a Deus pelas melhoras de seus filhinhos, para que a alegria regresse ao lar do nosso bom amigo.

Ex.º Sr.

Agradecimento

Domingos Ferreira Oliveira Guimarães, deixando de fazer parte da firma Ferreira & Martins, Limitada, vem agradecer a todos os seus estimados clientes e amigos o terem-lhe dispensado as suas estimadas ordens durante o tempo em que se encontrou á frente da dita firma, e oferecer-lhes os seus limitados serviços na Rua de Paio Galvão, 112.

Guimarães, 12 de Maio de 1923.

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães.